

# COMO EVOLUIRÁ A PRÓXIMA GUERRA ?

Major MAURICIO FELIX DA SILVA



BSERVANDO a evolução da arte da guerra até nossos dias, pode ser constatado, de modo geral, que dois conceitos fundamentais têm se mantido constan-

tes: a influência da técnica sobre os processos de combate, e a influência de uma concepção de comando sobre a conduta da batalha, ou doutrina.

Qual das duas tem a primazia, a técnica ou a doutrina ?

O presente artigo é uma tentativa de estudo da posição relativa que têm tomado estes dois conceitos através dos tempos.

Enquanto a técnica teve desenvolvimento relativamente lento, balizado pela invenção da pólvora e pelo domínio do ar, a concepção de comando, desde a Antiguidade, já apresenta rasgos geniais que ainda hoje constituem modelos dignos de reflexão.

Até a invenção da pólvora a técnica fornecera ao combatente dois tipos de armas: de arremesso e de choque. As primeiras, com alcance extremamente limitado, desde que se baseavam exclusivamente no potencial muscular humano.

Dispondo de tão mesquinhos meios de ataque, o desenvolvimento da batalha devia forçosamente cingir-se ao espaço restrito em que era possível hostilizar o inimigo. O comando devia então aceitar a tática pontual, figurada na batalha campal caracterizada por milhares de ações individuais até sua decisão. Foi aí que interveiu o comando conduzindo a batalha por intermédio da manobra, dando origem à concepção dinâ-

mica que se distinguiu pela procura de uma solução por meio de combinações flexíveis de movimentos dentro da área de combate. Esta foi a doutrina militar Antiga, de Melcíades, Alexandre, Aníbal e Cesar.

A fim de obviar os inconvenientes de ser manobrada, a defesa recorreu cada vez mais ao emprêgo de maiores massas para prolongar os flancos, pontos mais vulneráveis da linha de batalha. Em consequência foram se restringindo progressivamente as possibilidades de manobra, até que o comando tornou-se impotente, com os meios à disposição, para montar com oportunidade a operação decisiva, por não poder dirigir com eficiência a massa de manobra. E o resultado final do processo foi a cristalização da concepção de comando, que se viu compelida a aceitar estáticamente a batalha por traz de circunvalações ou castelos. Perdurou esta era de decadência da arte da guerra até quase o final da Idade Média.

Com a invenção da pólvora e consequente aumento do alcance das novas armas, desapareceu o perigo de serem os flancos manobrados por ações partidas de dentro da área de combate. Continuou pois a vigorar o mesmo esquema de batalha pontual, desta vez com menores exigências de efetivos, desde que a linha não precisava ser desmesuradamente estendida, mas em compensação sem que qualquer dos beligerantes pudesse tentar outra coisa que não fôsse um ataque frontal contra qualquer setor do dispositivo inimigo.

Novamente o comando ultrapassou a crise e a decisão foi procura-

da ainda numa operação contra o flanco, porém partindo de uma região que estivesse fora do alcance das armas inimigas, isto é fora do campo de batalha. Esta nova tendência que evoluiu sob a forma de complicados movimentos sob Gustavo Adolfo, Carlos XII, Malborough e Condé, foi definitivamente codificada no século XVIII com Frederico o Grande. Curioso é notar que foi inspirada nas concepções dos generais antigos que surgiu a nova doutrina, evidentemente um simples aperfeiçoamento do que já se fizera há muitos séculos atrás.

Comprovada a eficácia do ataque ao flanco, preparado e iniciado fora do campo de batalha, as medidas defensivas postas em prática exigiram do atacante uma série de adaptações que resultaram em evolução paralela à que se processara na Antigüidade: ampliação dos teatros de operações e aumento considerável dos efetivos empregados.

Entretanto, aqui, a crescente complexidade do material introduziu um novo fator: a batalha passou a exigir uma alimentação, cujo volume não permitia de modo algum o aproveitamento dos recursos das áreas circunvizinhas. Necessário se tornou a previsão, obtenção, armazenamento e transporte dos meios para a campanha. Mais ainda: já não mais era facultada ao tático a liberdade de movimentos que até então lhe fora outorgada. A nova contingência exigia perfeito planejamento e ordenação da manobra para a batalha com o seu sistema supridor, pois de outro modo não era possível a conduta da guerra, dada a ameaça de ficar o exército paralizado à mingua de recursos. Surgiu a logística como ramo da arte da guerra paralelo à tática.

Não era portanto, apenas o flanco do dispositivo de batalha que podia ser ameaçado, também o dispositivo logístico constituiu-se em ponto vulnerável. E a campanha tomou outra feição — não somente na batalha podia ser decidida — u'a manobra contra as linhas de

comunicações passou a ser golpe mortal que aniquilava o inimigo às vezes sem combate. Cabe a Napoleão o mérito de ter entrevisto esta evolução, lançando as bases da concepção da guerra superficial ou a duas dimensões, concepção que se aproxima do estilo greco-romano pela superioridade das combinações táticas, não obstante o entrave sempre presente das injunções logísticas.

O problema tinha agora duas variáveis: o dispositivo tático e a linha de comunicações. E de Napoleão a Moltke a arte da guerra só evoluiu no sentido de montar a batalha com o máximo de segurança para os flancos e a linha de comunicações, o que equivaliu a emprêgo de massas cada vez mais densas e o esclerosamento da tática em intermináveis batalhas frontais. A genial concepção napoleônica de procurar a ação decisiva caindo sobre o sistema logístico inimigo, sucedera a mesma inflexibilidade que conduziu à estagnação medieval. E a impossibilidade de manobrar, a repugnância pelo flanco descoberto, a incapacidade de chegar a uma decisão culminaram com as linhas que dominaram o desenrolar da 1ª Grande Guerra e se consolidaram no esquema Maginot.

Chegara-se portanto a novo impasse. A linha de batalha apresentava-se densa e contínua, com os flancos apoiados em formidáveis obstáculos, e o dispositivo logístico articulado à retaguarda praticamente imune à ação terrestre inimiga. Atingira a batalha bi-dimensional o máximo de rigidez: a manobra tornara-se impossível.

Ao findar a 1ª Guerra Mundial a técnica colocava à disposição dos táticos a arma que podia romper o equilíbrio entre o ataque e a defesa: o avião. Timidamente ensaiado em 1918, o Poder Aéreo, graças ao rápido desenvolvimento de seu alcance, eliminou desde a abertura da 2ª Grande Guerra a psicose do flanco descoberto. Processou-se neste particular evolução idêntica à assinalada com a invenção da

pólvora, tornou-se quase impossível flanquear o contendor que dominasse ou disputasse o ar.

Viram os táticos de novo ampliar-se consideravelmente seus horizontes, desde que o Poder Aéreo consentia a mais ampla liberdade de movimentos à linha de batalha. Voltava-se à antiga flexibilidade.

Por outro lado, para os logísticos tal invenção acarretou duas dificuldades: — a ameaça latente que representa o espaço aéreo da retaguarda, de onde pode surgir a cada momento demolidor ataque às instalações; e o perigo constante de ficar o dispositivo descoberto, à mercê de ataques terrestres, em consequência de audaciosos movimentos da massa combatente.

É contra esta ação dissociadora do avião que atualmente o comando procura uma solução, sem a ter encontrado até o presente momento.

Muitas experiências têm sido feitas, nenhuma, entretanto, tendo conseguido proporcionar ao comando o fim almejado: máxima flexibilidade para o dispositivo de batalha conjugado à máxima segurança para o dispositivo logístico.

Já não se trata então de considerar o problema com apenas duas variáveis, a terceira variável entra agora na equação não só como fator de liberação da manobra, mas também com forte coeficiente, perturbador das relações entre a tática e a logística. Representa portanto a introdução desta contribuição da técnica a elevação da batalha à forma tri-dimensional.

É de notar-se que a limitação imposta à plenitude da manobra tática através das possibilidades derivadas do dispositivo logístico, conseqüente à presença do Poder Aéreo como fator a considerar na concepção do comando, já é um princípio de enrijecimento da arte

da guerra na atual fase de evolução.

O problema tem sido pôsto em discussão sob diversas formas, porém parece que três fatores a considerar tornaram a questão por demais complicada. O certo é que o comando ainda não encontrou a fórmula que permite à manobra toda a flexibilidade consentida pelo Poder Aéreo. De qualquer forma, a tendência atual é a de u'a maior interdependência entre os três fatores: o dispositivo tático, o logístico e o Poder Aéreo. Chegará o comando nesta fase, como sucedeu nas anteriores, a fazer preponderar tão somente sua concepção? Conseguirá reconduzir a batalha à sua forma eminentemente dinâmica, e portanto decisiva, como entre os grandes capitães de todos os tempos?

#### CONCLUSÃO

A invenção da pólvora e o domínio do ar pelo homem permitem distinguir três fases na evolução da arte da guerra. Em cada uma foi acrescentado um novo fator a considerar pelo comando na concepção da batalha.

A técnica tem tido evolução lenta através dos tempos, enquanto a genialidade do comando tem se manifestado desde a Antiguidade com a concepção dinâmica da batalha.

Quando o comando não teve mais possibilidades de explorar um invento, a guerra se cristalizou cada vez mais até apresentar a batalha uma rigidez estática.

Atualmente, muito embora a batalha não tenha atingido a forma eminentemente dinâmica por que se caracterizou com os Antigos e Napoleão, já manifesta sinais de entorpecimento, que poderá se agravar até se positivar a paralisia inerente à batalha estática, caso, não surja uma concepção capaz de realisar o feito das duas outras fases.